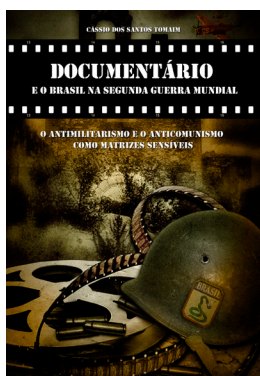


**CONVERSA ENTRE SÉRGIO MUNIZ E
CÁSSIO DOS SANTOS TOMAIM SOBRE O
SEU LIVRO "DOCUMENTÁRIO E O BRASIL
NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL..."**

Cássio dos Santos Tomaim *



Cássio dos Santos Tomaim, *Documentário e o Brasil na segunda guerra mundial: o antimilitarismo e o anticomunismo como matrizes sensíveis*, São Paulo: Editora Intermeios, 2014.
ISBN: 978-85-64586-82-6

Quando os soldados da FEB (Força Expedicionária Brasileira) retornaram ao Brasil no fim da Segunda Guerra Mundial, Sérgio Aurélio de Oliveira Muniz havia completado 10 anos. Em Santos, litoral de São Paulo, testemunhou o clima de medo que acometia a população sob a ameaça dos submarinos alemães naqueles meados de 1940. Sua mãe temia que o barco em que seu pai saía aos sábados para pescar fosse torpedeado pelos nazistas. Memórias de infância que Sérgio Muniz compartilha conosco

* Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Campus Frederico Westphalen, Departamento de Ciências da Comunicação, 98400-000, Frederico Westphalen, Brasil. E-mail: tomaim78@gmail.com

ao bater um papo sobre o meu livro *Documentário e o Brasil na Segunda Guerra Mundial: o antimilitarismo e o anticomunismo como matrizes sensíveis*, aceitando de forma muito generosa ao convite dos editores da Revista *DOC On-line*. É preciso que se diga que ter Sérgio Muniz como leitor é, antes de qualquer coisa, um privilégio e uma ousadia; sua história coincide com a história do novo cinema documentário brasileiro, do qual os filmes analisados no livro, se não são devedores em termos estéticos ou ideológicos, pelo menos o são em termos históricos. Foi a sua geração que iniciou um trabalho mais autoral, tirando o documentário brasileiro da sina de uma produção institucionalizada, com viés educativo e propagandístico, como sugeriam as experiências do INCE (Instituto Nacional de Cinema Educativo) e do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, nos anos de 1930/40. O início de sua carreira no cinema acontece em 1955, como assistente de Ruy Santos no documentário *A casa de Mário de Andrade*. Nesse período conhece Maurice Capovilla, Vladimir Herzog e o cineasta argentino Fernando Birri que, como ele, eram frequentadores da Cinemateca Brasileira. Em 1964 é convidado a produzir o curta-metragem *Viramundo*, de Geraldo Sarno, documentário que, juntamente com *Memória do Cangaço* (Paulo Gil Soares, 1964), *Nossa escola de samba* (Manuel Horácio Giménez, 1965) e *Subterrâneos do futebol* (Maurice Capovilla, 1964-1965), integrou mais tarde em 1968 o longa-metragem *Brasil Verdade*, compondo o projeto idealizado por Thomaz Farkas de produzir documentários sobre diversos aspectos sociais e culturais do Brasil. Dos filmes da Caravana Farkas, como veio a ser conhecida esta produção, entre 1964 - 1980, Sérgio Muniz é responsável pela direção de *Rastejador*, S.M (1969), *Beste* (1969), *De raízes & rezas* (1972), *Cheiro/gosto, o provador de café* (1976), *Berimbau* (1978) entre outros curtas-metragens de não-ficção. Quando os cineastas de sua geração “invadiram” a televisão, lá foi Sérgio Muniz dirigir dois

filmes para o Globo Repórter, da TV Globo: Vera Cruz, a fábrica das desilusões (1975) e A loucura nossa de cada dia (1977). Ainda nos anos de 1970, será responsável por um emblemático documentário sobre o Esquadrão da Morte, liderado pelo Delegado Sérgio Fleury, um dos principais nomes da repressão da ditadura civil-militar no Brasil. Você também pode dar um presunto legal começou a ser produzido em 1971 de forma clandestina pelo diretor, apenas três anos depois de promulgado o AI-5 (Ato Institucional n.05), quando a liberdade de expressão passou a ser apenas uma frase de efeito no Brasil dos militares golpistas. Tanto que na época Sérgio Muniz foi aconselhado por amigos a não exibir o filme no país, o documentário permaneceu inédito por mais de 35 anos, sendo exibido primeira vez no Brasil em 2006 para uma plateia de estudantes e professores da Unesp (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), campus de Araraquara (SP). Então, se a imagem dos ex-combatentes da FEB é apenas um rastro em sua memória de infância, o mesmo não se pode dizer dos militares que tomaram o poder em 1964 no Brasil e instauraram um Estado de terror em função de um sentimento que predominava na caserna: o anticomunismo. Curioso é saber que os mesmos oficiais da FEB que lutaram para libertar a Itália da tirania do nazi-fascismo, 20 anos depois serão os tiranos que institucionalizaram no Brasil a censura, a repressão, a tortura e os assassinatos, provocando um contrassentimento de antimilitarismo em uma parcela de intelectuais que, como Sérgio Muniz, não esqueceu e não quer esquecer o que viveu. A leitura do livro Documentário e o Brasil na Segunda Guerra Mundial... é um pretexto para entrarmos neste terreno da memória e dos ressentimentos deste documentarista brasileiro que, na vitalidade dos seus 79 anos, encontra vontade de continuar produzindo. O vídeo Amizade (2009) é o seu último documentário ou como ele mesmo prefere: “Evito sempre de dizer o último, para me deixar com a esperança de que farei um próximo.”

Cássio dos Santos Tomaim: Para início de conversa, como autor, estou curioso para saber as suas primeiras impressões como leitor.

Sérgio Muniz: Inicialmente, falar sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB) me levou a resgatar, do meu baú mental, esquecidos fragmentos de memória. Um deles me remete à notícia ouvida no rádio (acho que era o famoso – na época – Repórter Esso) informando que o Brasil havia declarado guerra ao Eixo. De imediato lembro: na cidade de Santos onde eu morava, os bondes que circulam ao longo das praias até São Vicente, pintaram de azul os vidros dos lustres que durante a noite iluminavam os bancos dos passageiros, para evitar (haja imaginação) que, de longe, pudessem ser localizados por submarinos ou aviões alemães. E ainda, repentinamente, me aflora a recordação de minha mãe, temerosa que algum submarino alemão viesse afundar algum barco em que meu pai saia aos sábados para pescar. Isso certamente relacionado, por ela, pelo afundamento de um navio brasileiro atribuído a um submarino alemão e que deu a deixa para que o governo de então, chefiado por Getúlio Vargas, se alinhasse ao lado dos ditos Aliados. Cabe aqui uma nota. Persistem até hoje boatos e rumores que teria sido um submarino americano que afundou o navio brasileiro, para criar uma situação que justificasse a entrada do Brasil na guerra. Levando em conta as falsas verdades que hoje em dia os Estados Unidos usam e “plantam” para justificar sua intervenção militar – por exemplo, no Iraque – isso não seria de surpreender. Mas nesta época, eu estava na Avenida Pacaembu, na cidade de São Paulo, ao lado de alguns familiares (não me recordo quais eram) onde vejo desfilar, marchando em direção ao estádio, os veteranos da FEB com seus uniformes, capacetes e fuzis. Vagamente lembro que chorei de emoção, tendo me ficado a ténue

impressão de que alguns pracinhas apresentavam ataduras recobrimdo algum ferimento.

Cássio dos Santos Tomaim: Você está falando de fragmentos de sua memória experiencial com o tema, de quem viveu o clima do país logo após a declaração de guerra e, mais adiante, o envio das tropas brasileiras ao Teatro de Operações na Itália. Mas e como documentarista, como você vê esta relação deste tipo de cinema, o documentário, com a memória?

Sérgio Muniz: Tomo como ponto de partida algumas ponderações de alguns cineastas importantes do século XX e dos quais tive o privilégio de ser amigo, o holandês Joris Ivens e o cubano Santiago Alvarez. De Joris Ivens, cabe recordar não só seu documentário *Terre d’Espagne* (realizado em co-direção com o escritor norte-americano Ernest Hemingway), como também o *Indonésia Calling* (que resultou na perda, por muitos anos, de sua cidadania holandesa), além dos inúmeros documentários realizados na China (desde os anos de 1930 até 1980). Sem contar, é claro, com seus excepcionais documentários sobre o Vietnã: *Le ciel et la terre* e *Le 17° Parallele*. Dizia Joris Ivens, lá pela segunda metade dos anos de 1960, principalmente a partir de seus documentários sobre o Vietnã: “Criticam-me por ser parcial com esses meus documentários; sim sou parcial, quem quiser que faça um documentário favorável a intervenção americana no Vietnã”. E de quebra, ele acrescentava: “Eu não escrevo roteiros para meus documentários, quem os escreve é a História”. Já no que diz respeito a Santiago Alvarez, cabem aqui duas aproximações. A primeira delas é a que diz respeito ao uso extremo de material de arquivo filmado ou fotografado, mesmo que não de excelente qualidade, por premência

ou exigência política do momento da realização. Reporto-me exatamente ao seu Now, que é um paradigma dessa posição, ao tratar das lutas dos negros americanos contra a segregação racial. A outra aproximação é que, por outro lado, ele também dizia que em nossos países subdesenvolvidos a realidade ultrapassa em muito a ficção, vindo daí a vigência que ele atribuía ao documentário. E nessa já longa divagação, onde está o lugar da boa ou da má memória? No caso específico, da presença da FEB na campanha da Itália? A leitura do seu livro me levou a fazer outras tantas perguntas, para quais eu não tenho resposta. Por exemplo: teria sido o treinamento anterior do exercito brasileiro feito pelas missões militares francesas (calcado na experiência de I Grande Guerra Mundial – 1914-1918), que estaria na gênese do assalto irresponsável de tropas de infantaria a um Monte, que foi a ação militar que mais causou baixas ao contingente da FEB? Teria sido falta de coordenação de comunicação ou simples displicência o fato de que quando os expedicionários da FEB desembarcaram na Itália não havia quartel e/ou alojamento e a tropa teve que dormir ao relento? Será por acaso “esquecimento” ocasional ou proposital o fato de que relatos de documentários americanos praticamente não fizessem menção à participação da FEB na campanha da Itália? Qual a razão para a entrega do uniforme militar adaptado às condições de neve e frio ter demorado tanto? Qual razão pela qual, até hoje em dia, os pracinhas sobreviventes não conseguiram do Estado Brasileiro o devido reconhecimento concedendo-lhes uma devida e merecida pensão?

Cássio dos Santos Tomaim: Eu também não tenho respostas para todas estas questões. Acredito que são problemas postos para a própria historiografia sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Como procuro demonstrar no livro, houve um silenciamento sobre este

tema e outros da história militar brasileira que, somente no início dos anos de 2000, tem encontrado espaço na academia a contragosto de ressentimentos de uma parcela de intelectuais (historiadores, sociólogos etc.), de uma geração que viveu no país um Estado de terror após o golpe de 1964. Aproveitando a deixa, em 1971, você estava realizando Você também pode dar um presunto legal, sobre o Esquadrão da Morte, e na época foi aconselhado a não exibi-lo. Se em nossos países subdesenvolvidos a realidade ultrapassa em muito a ficção, como dizia Santiago Alvarez, como era praticar o documentarismo diante de um regime autoritário e repressor? Como foi esta sua experiência ao realizar Você também pode dar um presunto legal?

Sérgio Muniz: Era trabalhar em dois planos ou, exagerando, em duas vidas. Num primeiro plano, o formal – essencialmente ligado à sobrevivência econômica – equilibrando-me na corda bamba e tênue do que era possível legalmente fazer para investigar, documentar e difundir a cultura popular de uma maneira geral, sendo nesse caso exemplar a produção do que é conhecido como a Caravana Farkas. Num segundo plano tentando, aos trancos e barrancos, registrar as manifestações acontecidas nos primeiros anos da ditadura civil-militar, filmar o que até o AI-5 era possível sair publicado na imprensa. No caso específico do Você também pode dar um presunto legal esse documentário é certamente quase a consequência lógica desse segundo plano. E que me foi possível fazer a reflexão – hoje reconhecidamente correta – de que o bando criminoso do esquadrão da morte serviu de ensaio geral para o ciclo de prisões, torturas e assassinatos posteriormente realizados nos porões das forças armadas brasileiras. E de que a chamada “sociedade civil” teve seu lugar destacado nesses porões.

Cássio dos Santos Tomaim: No livro procurei demonstrar que o filme *Rádio Auriverde*, de Sylvio Back, é um documentário que tem este sentimento de antimilitarismo como matéria-prima, o alvo da ironia do cineasta não é a FEB ou os ex-combatentes, mas uma memória oficial da “Campanha da Itália” que até hoje é instrumentalizada pelas Forças Armadas, em especial o Exército Brasileiro. Como você vê as marcas deste antimilitarismo nos filmes de uma geração de cineastas brasileiros que foram presos, exilados ou, como você, tiveram seus projetos interrompidos por uma contingência do contexto de repressão dos anos de 1960/70?

Sérgio Muniz: Na minha precária avaliação, a produção dos documentários brasileiros a partir do final dos anos de 1960 até a dita “redemocratização”, negociada com os militares, refugiou-se nos temas ditos culturais. No meu caso específico isso pode ser facilmente constatado revendo minha filmografia. Talvez valesse a pena fazer um levantamento comparativo entre Argentina, Chile, Uruguai e Brasil para verificarmos que, no caso dos brasileiros, foram excepcionais os casos de cineastas presos, torturados e exilados que tiveram suas carreiras de documentaristas interrompidas. O que não foi o caso de alguns dos nossos países vizinhos. Lembraria, resumidamente, os casos emblemáticos de Raimundo Gleyser (Argentina, assassinado), Fernando “Pino” Solanas (Argentina, exilado e que mesmo após a democratização foi alvo de um atentado tendo sido metralhado em suas pernas), Patricio Guzmán (Chile, exilado) ou ainda Mário Handler (Uruguai, exilado).

Cássio dos Santos Tomaim: E o cinema latino-americano. Lembro-me de ter assistido a produções recentes de documentaristas chilenos e argentinos que narram em um tom autobiográfico suas experiências com as ditaduras em seus países. Você diria que este antimilitarismo foi e ainda é muito mais presente nos cineastas desses países do que nos realizadores brasileiros? Por quê?

Sérgio Muniz: O que vejo seria mais uma pertinente e justa reflexão sobre o desastre das ditaduras militares do que – especificamente – um antimilitarismo. Neste nosso século XXI exemplos excepcionais dessa “roteirização” da história recente desse nosso continente estão documentários como *Memória del Saqueo*, de Fernando “Pino” Solanas (Argentina) e *Nostalgia de la Luz*, de Patricio Guzmán (Chile).

Cássio dos Santos Tomaim: Como relato no livro, há militares que até hoje difundem a ideia de que com o fim do regime civil-militar, em 1985, os comunistas invadiram a Rede Globo e se lançaram a difamar as Forças Armadas, criando no imaginário popular do brasileiro a imagem de que os militares foram torturadores, assassinos, sendo que na visão deles estavam combatendo inimigos do Estado. Você participou da primeira fase do Globo Repórter antes mesmo do término da ditadura. Como era naquele contexto histórico produzir para uma emissora que tinha fortes relações políticas com os militares no poder?

Sérgio Muniz: Mesmo querendo deixar de lado essa paranoia de que, após a “redemocratização” do Brasil, os comunistas invadiram a

Rede Globo, é fácil detectar ainda hoje esse sentimento ultrarreacionário em oficiais do exercito brasileiro que ainda alimentam essa hidrofobia ideológica. Com referência ao que eram as relações com o Globo Repórter, elas se restringiam a temas que não alertassem para problemas sociais e/ou políticos. Era o terreno da liberdade consentida, pois os temas apresentados tinham de ser previamente aprovados pelo alto escalão de jornalismo da Globo, na época o Armando Nogueira.

Cássio dos Santos Tomaim: Mas retomando o tema do livro, a memória dos ex-combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial, vejo que o documentário do Sylvio Back é o primeiro filme a quebrar o silêncio em torno deste assunto e descolá-lo de uma memória heróica. Mas isto só ocorreu em 1991. Tanto o contexto do pós-guerra como o da ditadura, anos mais tarde, são os responsáveis por este silenciamento do cinema brasileiro sobre a participação do Brasil naquele conflito mundial, ou há outros ingredientes? Este não era um assunto que interessava aos cineastas de sua geração?

Sérgio Muniz: Imagino que pelo menos parte do esquecimento, não só do cinema, mas da história de nosso país, sobre a participação do Brasil na II Grande Guerra Mundial, se deve ao fato de não se querer mexer num tema que contém certamente elementos de grande valentia dos nossos expedicionários mas também erros e tragédias habilmente ocultadas. Talvez o detalhe da permanência por muitos anos de militares no governo durante a ditadura civil-militar tenham ajudado nesse desinteresse. Sinceramente, creio que – infelizmente – esse não foi um tema que preocupou minha geração, exceção feita ao Sylvio Back.

Cássio dos Santos Tomaim: E sobre estes jovens documentaristas que nos anos 2000 voltaram suas câmeras para os testemunhos dos ex-combatentes? Como o distanciamento das experiências de terror que a sua geração viveu durante 20 anos de ditadura no país pode ser útil para esta nova geração ao tratar de temas da história militar brasileira? Ou o antimilitarismo é um dispositivo que evita que os torturadores e assassinos de 40, 50 anos atrás sejam transformados em heróis e as guerras naturalizadas pelo espírito militar?

Sérgio Muniz: As mais recentes gerações de documentaristas brasileiras foram paridas e formadas a partir da “redemocratização” consentida pelos militares no final da ditadura civil-militar. Não carregam, pois, o peso de lembranças, temores, erros e acertos cometidos no período iniciado em 1964 e culminado com a assembleia nacional constituinte. Mas tem a saudável curiosidade e/ou necessidade de rever esse passado, poder ler essa página da história e – aí sim – poder passar para a página seguinte. É nessa (re)leitura dos anos de chumbo no já passado século XX creio que concentram sua atenção e foco nos sabores e/ou dissabores da dita democracia representativa e não de um simples antimilitarismo.

Cássio dos Santos Tomaim: Sérgio, primeiramente, muito obrigado por aceitar o convite para ler o livro e participar desta conversa. Para mim foi uma experiência nova entrevistar um leitor de um dos meus trabalhos. Falamos de cinema, a partir da provocação do livro. Espero que você tenha se sentido provocado.

Sérgio Muniz: Seu livro me permitiu uma viagem ao fundo do meu baú de lembranças e esquecimentos, desordenadamente amontoados. Resgatei cenas que há décadas não me apareciam na tela da memória. E me fez ter a certeza de que muito ainda é devido - pelo cinema brasileiro e por sua história – aos pracinhas da Força Expedicionários Brasileiros. O li com o prazer de estar frente ao desvelamento de uma memória histórica despidoradamente esquecida, também como sugestivo chamado de atenção para filmes que estão, agora em 2014, como o Estrada 247 de Vicente Ferraz. Sem contar que reavivou minha atenção para que não se permita que o ovo da serpente ainda – creio eu – esteja fecundo.